ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS: QUALIFICAÇÃO, PERCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO

Rafael Santos Fischer (1); Aloísio Leoni Schmid (2)
(1) Arquiteto e Urbanista, Mestre em Engenharia de Construção Civil, Professor Substituto no Dep
(2) Engenheiro Mecânico, Mestre e Doutor em Engenharia, Professor no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, isso@ufpr.br

RESUMO
Este artigo tem como objetivo discutir e apresentar respostas para três principais questionamentos: como atmosferas arquitetônicas podem ser qualificadas; como podem ser percebidas; quais são suas componentes. Como método de pesquisa foi utilizada a revisão narrativa. Ao final do trabalho, concluiu-se que as atmosferas podem ser qualificadas segundo os estados emocionais que causam nos usuários dos espaços. Atmosferas podem ser percebidas e apreendidas por meio do aparelho sensorial humano, mas o processo de assimilação cognitivo e psicológico depende de variáveis como estímulos externos e preocupações intrínsecas e subjetivas de cada indivíduo. Finalmente, percebeu-se que as atmosferas são constituídas por diversos componentes, sendo os meios arquitetônicos apenas uma parte deles. Desta forma, é possível afirmar que projetistas podem influenciar diretamente nas atmosferas que os usuários percebem, mas que esta influência é limitada e variável de pessoa para pessoa.

Palavras-chave: atmosferas, experiência do usuário, projeto de arquitetura.

ABSTRACT
This article aims to discuss and provide answers to three main questions: how architectural atmospheres can be qualified; how they can be perceived; what are its components. As a research method, a narrative review was used. At the end of the work, it was concluded that architectural atmospheres can be qualified according to the emotional states that they cause to users. Atmospheres can be perceived and apprehended through the human sensory apparatus, but the process of cognitive and psychological assimilation depends on variables such as external stimuli and intrinsic and subjective concerns of each individual. Atmospheres are constituted of several components, being the architectural means only a part of them. It is possible to state that designers can influence the atmospheres they design, but that this influence is limited and varies from person to person.

Keywords: atmospheres, user experience, architectural design.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se notado cada vez mais a importância da concepção de projetos de arquitetura centrados nos usuários. Isso se deve ao fato de que são eles que utilizam e interagem diretamente com os espaços criados e sua satisfação e bem-estar são pilares de um projeto de mais elevada qualidade.

Sabe-se, por exemplo, que os espaços arquitetônicos são capazes de influenciar nas emoções e estados afetivos dos indivíduos, podendo, consequentemente, direcionar seu comportamento.

O projeto de experiências arquitetônicas é uma disciplina explorada em vários estágios históricos da arquitetura. Na Grécia antiga, por exemplo, cidadãos construíam templos capazes de transmitir a sensação de que seus deuses estavam em terra; no período da renascença, os arquitetos criavam palácios dignos das ficções reais (KOTLER, 1974).

O projeto de experiências é uma disciplina que se encontra em relativo grau de maturidade em outras áreas do conhecimento, como no campo da tecnologia, com inúmeras pesquisas realizadas acerca da maneira com a qual as pessoas interagem com softwares, aplicativos e produtos digitais. Todavia, na arquitetura, ainda há margem para significativos avanços.

Para melhor entender a relação entre o projeto de experiências na arquitetura, é preciso compreender a noção de atmosfera (KOTLER, 1974). Embora, do ponto de vista semântico, atmosfera seja simplesmente o ar que circunda uma esfera, do ponto de vista arquitetônico, seu significado é muito mais profundo, subjetivo e complexo.

A atmosfera é uma percepção abrangente, sensorial e emotiva de um espaço ou configuração social, percebida instantaneamente por um indivíduo (PALLASMA, 2005). Trata-se de uma avaliação perceptiva feita pelo usuário em relação à arquitetura - mas não restrita a este campo, já que outros fatores também contribuem para a constituição de uma atmosfera (LELIEVELD, 2012).

De uma forma simplificada, a atmosfera seria a qualidade ambiental de um espaço, levando-se em consideração diversos elementos como matéria, cores, textura, forma, além de aspectos intrínsecos a cada usuário (NORBERG-SCHULZ, 1980).

Peter Zumthor (2006), arquiteto suíço autor do livro homônimo, menciona que a atmosfera arquitetônica é o *mood*, as sensações, o bem-estar, a harmonia e a beleza por meio da qual experenciamos um determinado espaço.

Adjacentemente à ideia de atmosfera, há também o conceito de *atmospherics*, cunhado por Kotler (1974). O autor cita que tal conceito trata do esforço consciente por parte dos projetistas em criar atmosferas visando promover determinados efeitos sob os usuários. Estes efeitos seriam justamente as sensações e estados afetivos, e sua finalidade seria influenciar as ações e comportamentos dos usuários.

Embora seja difícil estabelecer uma relação de causalidade direta entre a atmosferas e a sua influência no comportamento dos usuários, teorias como as de *priming* e a de *nudging* indicam que ela exista.

O *priming*, cuja tradução para o português comumente utilizada é pré-ativação, tem a ver com as influencias que o ambiente, indivíduos e objetos possuem sobre os seres humanos, enviesando e, potencialmente, manipulando seu comportamento (JUNIOR et al, 2015).

Nudging, por sua vez, tem a ver com a forma com a qual ferramentas e artefatos psicológicos são capazes de promover determinado comportamento em pessoas. No campo da arquitetura, os próprios espaços poderiam atuar como tais ferramentas (LIN, 2017).

Percebe-se, por meio desta introdução, que atmosferas e experiências arquitetônicas são fenômenos complexos, o que sugere que possam sofrer a influência de diversas componentes e variáveis. Para melhor compreender qual é o peso que a arquitetura e os espaços propriamente ditos têm na sua constituição, é essencial identificar quais são seus elementos componentes.

2. OBJETIVO

Este artigo tem como objetivo apresentar a anatomia das atmosferas arquitetônicas, identificando e elicitando os diferentes elementos, fatores e variáveis que as compõem. Desta forma, espera-se poder entender qual é a limitação que o arquiteto possui na hora de criá-las, bem como, por consequência, influenciar ou manipular o comportamento dos usuários do espaço concebido.

3. MÉTODO

O procedimento metodológico adotado para esta pesquisa foi a Revisão Narrativa, também qualificada por alguns autores como Estado da Arte. Tais métodos são utilizados para discutir, descrever e responder questionamentos relacionados a um determinado assunto (SCIELO, 2007). Nesse contexto, a pesquisa foi conduzida em duas etapas: estruturação de sub perguntas e pesquisa de produção científica de autores relevantes na área, com o objetivo de se obter as respostas para estas, alcançando-se assim o objetivo da pesquisa.

As questões identificadas e selecionadas como estruturantes deste trabalho foram: Como podem ser qualificadas as atmosferas arquitetônicas? Como o ser humano percebe as atmosferas arquitetônicas? Quais são as componentes de uma atmosfera arquitetônica?

4. RESULTADOS

O resultado para cada um dos questionamentos será apresentado ao longo desta etapa.

4.1 Como podem ser qualificadas as atmosferas arquitetônicas?

Conforme apresentado na introdução deste trabalho, atmosfera é a qualidade de um ambiental de um espaço, contexto ou situação, cuja percepção é feita de maneira sensorial, pessoal e subjetiva. Deste modo, pode-se inferir que um mesmo espaço arquitetônico pode ter sua atmosfera percebida de forma diferente por indivíduos distintos. Autores como Holl, Pallasma e Pérez-Gomez (2006) concordam com tal visão.

Uma pessoa religiosa, que acabou de se recuperar de uma doença e acredita que tal fato tenha se dado por meio de sua fé, pode perceber o espaço interior de uma igreja de uma maneira positiva, ao passo que outra, que acabou de perder um ente querido, pode percebê-lo de maneira negativa e triste.

Ao descrever a qualidade de uma atmosfera no exemplo anterior, foram utilizadas palavras como positiva e negativa. De fato, autores demonstram que qualificar uma atmosfera arquitetônica por meio de valências - positivo e negativo - é uma possibilidade (SCHMID, 2018).

Não são raras as associações de emoções, sentimentos, sensações e estados emotivos – positivos ou negativos - à qualidade atmosférica de um espaço, contexto social ou situação. Um sistema utilizado para qualificar estes estados emocionais na psicologia ambiental é Modelo Circumplexo de Afeto (NOGUEIRA, 2018).

O modelo foi originalmente proposto por Russell (1980) e parte do pressuposto que todos os diferentes estados afetivos (emoções) existentes podem ser impressos em uma espécie de plano cartesiado composto por dois eixos e quatro quadrantes. Cada quadrante possui uma característica específica, segundo a sua valência - experiência positiva ou negativa – e segundo a sua intensidade - experiência intensa e não-intensa. A Figura 1, a seguir, exemplifica a constituição do modelo Circumplexo, bem como algumas emoções inseridas em seus respectivos quadrantes.

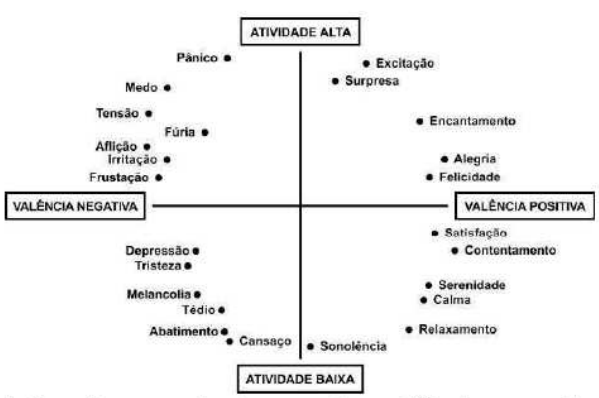


Figura 1 - Modelo Circumplexo de Russell, seus quadrantes e emoções qualificadas por quadrante (NOGUEIRA, 2018).

Levando-se em consideração que as atmosferas costumam ser determinadas em função de seu caráter sensorial, poder-se-ia dizer que elas seriam passíveis de serem qualificadas em algum dos quadrantes do modelo Circumplexo. Àquelas associadas às emoções estimulantes e positivas seriam as atmosferas de aventura; as associadas às emoções não-estimulantes e positivas seriam atmosferas de conforto; as associadas

às emoções negativas e não-estimulantes seriam atmosferas de estados emocionais relacionados ao tédio; e as associadas às emoções negativas, mas estimulantes, seriam associadas aos estados emocionais de perigo, conforme a Figura 2 (SCHMID, 2018).

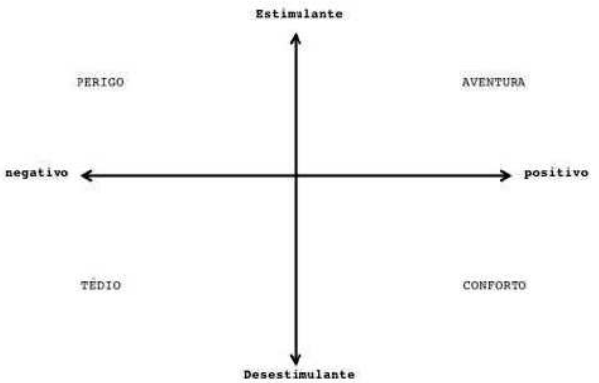


Figura 2 - Modelo Circumplexo de Russell e a qualificação das atmosferas (SCHMID, 2018).

4.2 Como o ser humano percebe as atmosferas arquitetônicas?

Do ponto de vista fisiológico, a percepção ambiental se dá por meio do aparelho sensorial, composto de sentidos como a visão, audição, olfato, paladar e tato. Do ponto de vista psicológico, alguns autores enfatizam que determinadas formas de percepção ambiental têm mais peso em relação à outras. A visão, por exemplo, é comumente entendida como sentido dominante para a apreensão de um espaço arquitetônico ou atmosfera (GIBSON, 1966). No entanto, quando se fala em experiência arquitetônica, a percepção ambiental deve ser considerada como um todo, de forma holística.

Na percepção de espaços arquitetônicos, sistemas como o paladar e olfato podem ser combinados e entendidos como um só. Afinal, dificilmente alguém de fato experimentaria a arquitetura com o paladar, ao mesmo tempo em que os aromas sentidos pelo sistema olfativo contribuem significativamente para o gosto percebido dos alimentos (GIBSON, 1966).

O tato poderia ser entendido como sistema háptico, não necessariamente responsável somente por aquilo que um usuário pode tocar, mas também por responder sensorialmente à temperatura e umidade (GIBSON, 1966). Além disso, ainda haveria o sistema básico de orientação, que ajudaria a explicar os motivos que levam algumas pessoas a sentirem vertigem quando situadas em um ponto muito elevado em relação ao solo.

Do ponto de vista psicológico e cognitivo, o processo de percepção de uma atmosfera ou espaço arquitetônico é mais subjetivo e sem tanto amparo na fisiologia. A apreensão do espaço é feita pelos sentidos, mas sua cognição e avaliação não. Há fatores intrínsecos, inerentes de cada indivíduo, que influenciam significativamente na percepção do espaço, tornando este fenômeno único e singular (STROETER, 1986). Daí a ideia de que, por mais que metafisicamente o espaço seja o mesmo, pessoas experienciarão um mesmo lugar de maneiras distintas.

Pieter Desmet (2002) é responsável pela proposição do modelo básico de emoções: as emoções sentidas por um indivíduo ao interagir com um espaço, objeto, pessoa ou situação social são resultantes de um julgamento, cuja palavra original em inglês *appraisal* é mais capaz de transmitir a integridade de seu significado.

Esse julgamento – appraisal -, por sua vez, ocorre como resultante de duas variáveis principais: um conjunto de estímulos, chamado de *stimulus*, em inglês, e preocupações, cujo termo original adotado por Desmet é *concerns*. A figura 3, a seguir, ilustra o modelo básico de emoções de Desmet.

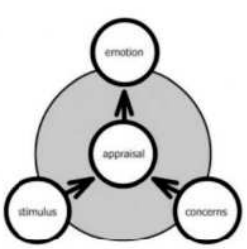


Figura 3 - Modelo básico de emoções de Pieter Desmet (DESMET, 2002).

O modelo básico de emoções de Desmet pode ser bastante útil para auxiliar no entendimento de como indivíduos experienciam espaços e suas respectivas atmosferas. Partindo-se do pressuposto de que atmosferas são qualificadas por meio dos estados emocionais, emoções e sensações que elas nos fazem sentir, poder-se-ia dizer que os dois principais fatores que vão influenciá-la são os estímulos externos, dentre os quais podemos incluir a arquitetura, da qual o projetista teria algum controle, e aspectos intrínsecos aos indivíduos, sobre os quais arquitetos e designers possuem pouquíssimo ou nulo controle.

Em outras palavras, um profissional que projeta espaços poderia contribuir para que determinadas sensações, emoções e, por consequência, comportamentos, ocorressem nos usuários, mas o peso desta influência direta poderia ser pequeno.

4.3 Quais são as componentes de uma atmosfera arquitetônica?

Baseando-se no modelo de Desmet, pode-se tentar estabelecer quais são as componentes que constituiriam uma atmosfera, bem como melhor visualizar qual seria a real contribuição que o arquiteto, por meio da arquitetura, poderia ter sobre estados emocionais, sensações, sentimentos e comportamentos dos usuários.

A Figura 4, a seguir demonstra como seria a composição de elementos de uma atmosfera arquitetônica baseada no modelo de Desmet.

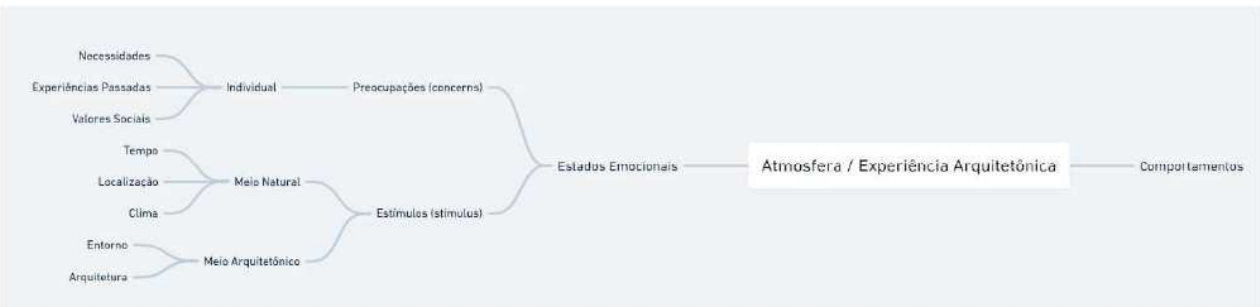


Figura 4 - Modelo básico de uma atmosfera arquitetônica, baseada no modelo de emoções de Desmet (O Autor, 2021).

Segundo o modelo apresentado anteriormente, estímulos intrínsecos ao indivíduo e estímulos externos seriam capazes de influenciar na atmosfera arquitetônica percebida de um determinado lugar. No início deste artigo, citou-se um exemplo para explicar o motivo de pessoas distintas experienciarem o espaço arquitetônico de uma igreja de maneiras diferentes: um de forma negativa e triste (pessoa que perdeu algum ente querido) e outro de forma positiva e feliz (pessoa que se recuperou de uma doença).

Com base no modelo de Desmet, pode-se perceber que os fatores intrínsecos ao indivíduo, as preocupações - *concerns* -, teriam grande impacto neste processo. Percebe-se também que até variações no tempo, localização ou clima também poderiam afetar determinada atmosfera. Isso poderia explicar por que indivíduos se sentiriam muito bem e confortáveis tomando uma cerveja na beira do mar no Rio de Janeiro em pleno verão, mas totalmente desconfortáveis e, até mesmo com medo, ao fazer o mesmo na beira do mar do Norte, no litoral inglês, durante o inverno europeu.

Segundo o modelo, a parcela de controle que o arquiteto realmente teria sobre uma atmosfera estaria mais restrita aos meios arquitetônicos. É por meio destes que o projetista compõe o espaço e cria lugares, e como consequência, suas atmosferas. E mesmo assim, tal atmosfera ainda estaria dependente de quanto o espaço proposto dialoga e permite que seus usuários interajam com o entorno.

Em um shopping center, por exemplo, onde cria-se um ambiente quase que desconectado do entorno, projetistas têm bem mais controle sobre as atmosferas, e por consequência, comportamento dos usuários. Em um mirante, que nada mais é do que um elemento arquitetônico que visa valorizar algum ponto de interesse no contexto imediato, o poder de influência atmosférico da obra arquitetônica seria muito mais restrito.

Diversos autores discutem os meios arquitetônicos que arquitetos podem utilizar para criar atmosferas. Peter Zumthor (2006), por exemplo, cita componentes arquitetônicas como o espaço visual, o espaço auditivo, os materiais e o tempo. Droog (2010) cita a forma, cor, texturas, movimento, cheiros e sons como sendo as componentes dos meios arquitetônicos de uma atmosfera. Na mesma linha de pensamento, Pallasma (2005) menciona espaço, tempo, matéria, gravidade, luz, silêncio, ambiência, rituais, memória, paisagem e lugar como sendo suas componentes.

5. CONCLUSÕES

O presente estudo demonstra brevemente o que são as atmosferas arquitetônicas, apresentando uma maneira baseada no Modelo Circumplexo de Russell de qualificá-las. Essa classificação seria feita com base nas emoções e estados emocionais, positivos e negativos, mais intensos ou menos intensos.

Além disso, conclui-se que as atmosferas são apreendidas e experienciadas por meio do sistema sensorial, sendo a visão a componente mais importante do processo. Não se exclui, porém, a importância dos outros sentidos para tal.

Finalmente, esclarece-se que as atmosferas são constituídas de diversos componentes, que podem ser intrínsecos aos indivíduos, como as preocupações - concerns – e estímulos externos – stimulus -, dentre os quais a arquitetura é apenas uma de suas componentes. Esclarece-se também que existem vários meios arquitetônicos que podem ser manipulados por projetistas de maneira a influenciar na componente arquitetônica de um projeto.

Conclui-se que projetistas possuem o poder de criar atmosferas, mas que este poder é limitado pelo fato de que uma atmosfera é composta por várias componentes, muitas das quais o próprio projetista não pode controlar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESMET. P. Designing Emotions. Tese, Delft University, 2002.

DROOG, S. How to design atmospheres attuned to the concerns of the user? Experiencing Architecture. 2010.

GIBSON, J. J. The senses considered as Perceptual Systems. Praeger, 1966.

HOLL, S; PALLASMA, J; PEREZ-GOMEZ, A. Questions of Perception: Phenomenology of Architecture. William K. Stout Pub, 2006.

JUNIOR, J. C. S. P.; DAMACENA, C; BRONZATTI, R. Pré-ativação: o efeito priming nos estudos sobre o comportamento do consumidor. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.15, n.1, p.284-309, 2015.

KOTLER, P. Atmospherics as a Marketing Tool. **Journal of Retailing**, n. 49, 1974.

LELIEVELD, P. Atmospheres: An exploration into the perception of architectural context. Tese, University of Auckland. 2012.

LIN, Y; OSMAN, M. Nudge: Concepet, effectiveness, and ethics. Basic Applied Social Psychology, v.39, p.1-14, 2017.

NOGUEIRA, K. A. P. Estudo de Respostas Emocionais às cores no contexto de cartazes de cinema. Programa de Pós-Graduação em Design, UFCG, 2018.

NORBERG-SCHULZ, C. Genius Loci: towards a phenomenology of architecture. New York: Rizzoli, 1980.

PALLASMA, J. The eyes of the skin: architecture and the senses. Chichester, Hoboken: Wiley-Academy, John Wiley, 2005.

RUSSELL, J. A circumplex model of affect. Journal of Personality and Social Psychology, v.39, n.6, p.1161-1178, 1980.

SCHMID, A. Conforto como atmosfera: Uma exploração da literatura sobre a base da psicologia ambiental e da fenomenologia. Arquitextos. Conforto, v.214, ano 18, 2018.

SCIELO. Revisão sistemática X Revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, v.20, n.2, 2007.

STROETER, J. R. Arquitetura e teorias. São Paulo, Nobel, 1986.

ZUMTHOR, P. Atmosferas. Gustavo Gili, 2006.